

VII. FLUSSER

Quebrarei nesta aula, premido pelo tempo, a estrutura que me propôs na última sexta-feira, e não tentarei fazer um resumo de uma ética ou estética grega. De todo forma, essa tentativa teria tão somente uma função digamos arquitectónica no curso destas aulas, como que para servir de contrapeso à exposição que fiz da ética e da estética judaica. Na esperança que os senhores perdoarão um certo desequilíbrio nessas exposições, proponho desde logo a consideração de certos conceitos que introduzi na última aula. Continuarei a basear-me, nessa consideração, sobre o meu artigo na Revista de Filosofia de abril de 61.

Ananke, tyche, moira: Um dos aspectos da ciência ocidental é a descoberta progressiva daquela cadeia que une os fenómenos da natureza. Notem bem os senhores que todos os conceitos contidos na frase anterior são gregos. O conceito "ciência" é descendente do conceito "gnosis", que é a ligação entre as duas camadas de realidade que mencionei na última aula. O conceito da "descoberta" é descendente do conceito "aletheia", que é o desvelamento do escondido. O conceito do progresso é descendente do conceito "katharsis", que é a purificação dentro do ciclo. O conceito "fenómeno" é puramente grego. O conceito "natureza" é descendente do conceito "physis" que já foi levemente discutido. O que formará o centro deste parágrafo é o conceito da cadeia que supostamente une os fenómenos, cadeia essa a ser descoberta pela ciência em seu progresso. Esse conceito de uma ordem em forma de cadeia que prevalece na natureza é projetado sobre nós pelos mitos gregos, e é o fundamento do chamado espírito científico que caracteriza o Ocidente. Contarei rapidamente esses mitos: A poderosa deusa ananke (a necessidade) que rege o mundo fenomenal aparece aos olhos humanos em quatro encarnações, nas quais pode ser adorada e nas quais pode ser esculpida em estatuas representativas. Uma dessas encarnações é faste e três são nefastas. A encarnação faste é Tyche (acaso), aproximadamente aquilo que chamaríamos hoje "bãa sorte". As três encarnações nefastas são as três moiras (destino), aquilo que chamaríamos hoje "mãa sorte". São Klotho (aquela que tece o fio da ordem), Lachesis (aquela que organiza e distribui os diversos fios) e Atropos (aquela que corta os fios). Notem como para o mito grego, como aliás também para a ciência moderna, são acaso e causalidade os dois aspectos da necessidade. O curioso é que para os gregos o acaso é o aspecto fasto, a causalidade o aspecto nefasto. Nós divergimos deles neste ponto, (embora continuemos jogando no bicho), porque o nosso conceito da causalidade é influenciado pelo conceito da providência divina, de origem judaica. A ordem causal não é portanto uma ordem nefasta, mas, pelo contrário, desejável. Com efeito, toda a nossa ciência é a tentativa de despir ananke do seu aspecto tyche e conservar somente o seu aspecto moira. Ou reformulando: a nossa ciência é a tentativa de despir a necessidade do seu aspecto moral e conservar somente o seu aspecto causal, isto é transformá-la de uma cadeia de imperativos em cadeia de indicativos. Desta maneira o destino perderá o seu terror e tornar-se-á instrumento

dócil nas nossas mãos, um destino maleável. O progresso da ciência consiste em subtrair sempre novos setores do mundo fenomenal ao domínio do acaso e submetê-los ao domínio da causalidade. No campo das ciências físicas essa meta parece ter sido alcançada no século 19, no campo das ciências biológicas e psicológicas a meta foi vislumbrada na mesma época, e no campo das ciências económicas e sociais existem tendências como a marxista que afirmam terem alcançado a meta. O progresso da ciência é portanto uma tentativa de reformular o mito de ananke. Elimina (assim o espera) a deusa Tyche, e transforma as três moiras em cavalos a puchar o carro do nosso destino em direção por nós indicada. Desta forma alcançaremos, graças ao progresso científico, a absoluta felicidade. Nada mais será casual, tudo será planejado, porque as leis da natureza, (as três moiras) funcionarão de acordo com uma ananke que nós homens imporemos.

Pois bem, o mito se rebela contra a reformulação que pretende violentá-lo. No campo das ciências físicas aparece Tyche, sorrindo irónicamente, na forma da probabilidade estatística, e mostrando dentes afiados, em forma do fator da indeterminabilidade. No campo da biologia aparece Tyche, soberana,

VILÉM FLUSSER

como aquele elemento da necessidade que rege as mutações, e portanto o próprio surgir de espécies, o próprio processo da biologia. Porque se fossemos eliminar o aspecto casual da biologia, teríamos eliminado o motivo para a evolução, que é afinal um sinal de carencia, portanto de causalidade rompida. E no campo das ciências sociais Tyche nunca foi autenticamente eliminada, porque a sua eliminação seria equivalente à eliminação da liberdade humana. Assim, de um ponto de vista de Ananke, fecha-se um ciclo da história do Ocidente. Começou por uma esperança que podemos chamar de "moirista", e acabou no tychismo. A ciência como tentativa de prever e de governar o mundo, a ciência como tentativa de assumir o papel de ananke, está em crise, porque reaparece o seu fundamento mítico inescapável. No curso destas aulas teremos oportunidade de aprofundar as nossas considerações dessa crise.

Hybris: O orgulho, que é o único conceito grego que corresponde vagamente com o conceito judeu do pecado, é, no entanto, banhado no clima do heroísmo e da beleza, e não no clima da vergonha. Contarei de maneira condensada o seu mito. Prometeu, último dos titãs e pai do primeiro homem, (Deukalion), rouba o fogo celeste e o entrega aos homens. É castigado pelos deuses que o prendem com pregos ao Caucaso, para lá ter o fígado devorado toda noite por uma águia, e restaurado todo dia pelos deuses. O herói Heracles mata a águia, e o resto do mito prometeico é contraditório, já que se funde com o mito de Heracles, de Epimeteu e de Zeus. De toda forma, é devido ao orgulho (hybris) que Prometeu rouba o fogo, e torna-se assim, além de criador do homem, também criador da cultura. O orgulho, essa revolta titanica contra a necessidade, resulta em cultura e resulta no sofrimento. Cultura e sofrimento são os dois polos do heroísmo.

Ciência e arte pura são duas formas modernas de hybris. Ciência e arte são portanto heróicas no sentido grego. E suas consequências: a tecnologia, a liberdade política e econômica, o capitalismo e o socialismo, a submissão da Terra ao Ocidente, são fenômenos heróicos no mesmo sentido. Tudo, enfim, que o Ocidente criou desde a Idade Média, é produto do orgulho, de hybris. A Idade Média era humilde no sentido judeu, ou pecaminosa no sentido judeu. A Idade Moderna é heróica e orgulhosa. Somos heróis diariamente e corriqueiramente. Desafiemos ananke a todo passo. Voamos como pássaros, o que é contra a nossa natureza (physis). Falamos a distâncias inconcebíveis, viajamos em carros sem cavalos, engarrafamos vozes, tudo feitos em tudo iguais ao robo prometeico do fogo. Fazemos tudo isto sem o mais leve sentimento de vergonha, o que prova existencialmente que não estamos conscientes de sermos pecaminosos. Pelo contrário, a nossa revolta contra a nossa natureza e contra as limitações que nos são impostas por ela tem um aroma de libertação, de beleza. Melhor que na ciência é visível esse aroma na arte pura. Nas obras de arte somos nós os criadores da necessidade, somos nós as personificações de ananke, já que somos nós os que impomos as leis sobre os fenômenos, e o resultado é beleza. Mas o mito de Prometeu não permite uma violentação como aquela à qual tentamos submetê-lo. A despeito de todos os nossos esforços não podemos dar-lhe um happy end, e alterar-lhe assim o significado. Ao roubo do fogo segue-se o Caucaso, porque assim o mito foi projetado. As obras da hybris ocidental que fazem a cena atual, começam a revelar o seu caráter prometeico pre-figurado no mito. Os nossos edifícios imperiais começam desmoronar-se, os nossos sistemas de liberdade econômica e política estão ameaçados de fora e de dentro, e nossa arte começa a perder-se em preciosismo, a nossa ciência pura está revelando os erros fundamentais, alguns dos quais mencionei há pouco, e as produções da nossa tecnologia começam assumir uma vida quase independente da nossa vontade e ameaçam destruir-nos em seu avanço furioso. Nesse estágio do desenvolvimento acontece uma coisa curiosa. O mito de Prometeu, que se revela pelo próprio desenvolvimento do Ocidente, desvenda caracteres paralelos com o mito da torre de Babel, um mito judeu portanto. Toda história do Ocidente a partir da Idade Média aparece, dessa perspectiva, como um único pecado gigantesco, a saber como o pecado da soberba. E o castigo que sofremos, e cuja forma mais brutal são as duas guerras e o nazismo, e cujo ponto culminante ameaça ser a bomba, nada mais da beleza prometeica, é vergonhoso. Hybris deixou de ser heróica para ser pecaminosa.

VILÉM FLUSSER
Pneuma Logos. Para nós, modernos, a inércia caracteriza aquilo que nós chamamos de natureza. Todo corpo continua em movimento ou em repouso, salvo influência externa. O movimento ou o repouso, longe de exigir uma explicação, explica justamente a natureza. A física é a tentativa de explicar as modificações dos movimentos, já que os próprios movimentos não necessitam de explicação, são a própria maneira de ser da natureza. Aos olhos dos gregos a situação é inversa. O mundo, esse animal cósmico, se movimenta como animal, isto é se movimenta porque motivado por algo. Esse movimento motivado por algo e em busca de alguma meta é a natureza "physis" das coisas. A física no sentido grego é a tentativa de explicar o por que e o para que desses movimentos. Dê um exemplo. Se um físico no sentido moderno for estudar o movimento do seu braço, descobrirá todas as forças que contribuíram para resultar nesse movimento, forças dentro dos músculos, e a força gravitacional, e a força do ar, e a pressão arterial, e assim em diante. Terá assim explicado totalmente o dado movimento do braço. Mas é uma explicação que deixaria insatisfeito o físico grego. Movo o braço, diria o grego, movido pela fome e em busca da maçã, e isto explica o movimento. Como vêm os senhores, a física grega se move num plano ontológico diferente da física moderna, com efeito num plano parente da biologia moderna. Pois bem, qual é a explicação que o físico grego dá aos fenômenos da natureza? Uma explicação que não se encontra dentro dessa mesma natureza. A explicação oferecida pela física moderna não deixa margem à qualquer explicação metá té physiké, ela é, em teoria, compacta. O movimento do braço é totalmente explicado pelos vetores de forças que nele resultam, e não há margem para explicação diferente. A explicação grega é metafísica, porque não há lugar nela no mundo compacto das coisas. Ou para sermos mais exatos, é uma explicação pneumática, uma explicação a partir do pneuma. A causa e a meta do movimento do braço não está dentro do mundo das coisas, mas está naquilo que inspira as coisas, no pneuma. Trata-se de causas e metas espirituais, desde que insistimos em manter o conceito espírito "pneuma" livre das contonações judias que a ele se agarraram no curso da história do Ocidente. Esse conceito pneuma como algo totalmente diferente de physis mas permeando physis é tipicamente ocidental e distingue a nossa civilização de todas as demais de uma maneira marcante. Aquilo que traduzimos pela palavra "espírito" da conversação indiana ou chinesa é fundamentalmente diferente. Espírito é lá não algo totalmente diferente da matéria, mas algo do mesmo tipo de realidade. Com efeito, espírito é lá uma tipo de matéria rarefeita, uma espécie de gás especialmente leve. Os indus e os chineses treinam o espírito pela respiração, o que é característico, e o treinam numa espécie de ginástica apropriada ao corpo. Em certas circunstâncias o espírito é visível. Espíritos podem materializar-se, podem ser pesados e fotografados. Os espíritas, adeptos desse conceito no Ocidente, são bárbaros no sentido de não participarem da tradição do Ocidente. O conceito do pneuma é responsável pelo cunho radicalmente idealista que caracteriza o Ocidente. Os próprios materialistas ocidentais são idealistas se comparados com o materialismo dos chamados "espiritualistas" do Oriente. Para nós pneuma é aquilo que se opõe à physis, como o sujeito se opõe ao objeto. Peço aos senhores de observar o paralelo entre o conceito "pneuma" e o conceito "ruach" hebraico, um paralelo que denota a um tempo a semelhança e a diferença entre os dois projetos. Não me aprofundarei neste contexto no problema, e direi tão somente que enquanto que ruach é responsável pela nossa noção de alma, depois de ter-se fundido com a psyche grega, pneuma é responsável pela nossa noção de espírito e do intelecto. A dificuldade que temos em englobar na nossa consciência os conceitos de espírito e alma, é mais um aspecto da nossa dificuldade de assimilarmos nossas heranças judias e gregas. Voltarei ao conceito pneuma dentro de poucos instantes. Tentei mostrar como o mito de ananke projeta uma ordem dentro do mundo dos fenômenos, ligando-os entre si pela cadeia da necessidade. A essa ordem fenomenal corresponde uma ordem ideal projetada pelo mito de Heimarmene. Esse conceito de heimarmene, do qual falarei em outro contexto, aquilo portanto que ordena os deuses e a que os deuses se submetem, é algo parecido com o nos-

VILÉM FLUSSER

so conceito de lei tanto no sentido científico como no sentido legal do termo. A correspondência entre a ordem no mundo fenomenal (ananke) e a ordem no mundo ideal (heimarmene) chama-se logos. A tradução desse conceito fundamental grego para o português é impossível, mas darei as traduções propostas pelo dicionário filosófico Kroener: palavra, fala, língua, verbo, pensamento, conceito, significado, razão, racionalidade, suprema divindade. Tentarei aproximar a nossa sensibilidade desse conceito preenche de significado pela seguinte imagem que a obra de Heráclito nos sugere: o mundo fenomenal é uma articulação do mundo ideal, aproximadamente como um livro é uma articulação de um conjunto de pensamentos. Nas letras e nas páginas do livro prevalece uma ordem (ananke). No conjunto de pensamentos que deram origem ao livro prevalece outra ordem (heimarmene). A correspondência entre essas duas ordens, aquela correspondência que dá significado ao livro e que possibilitou ao conjunto de pensamentos de articular-se, é logos. Logos é portanto o verdadeiro autor tanto do conjunto de pensamentos como do livro. Logos é aquilo que articula e logos é a ordem na qual a articulação se processa. Como origem de todo processo é o prólogos, como processo em si é o diálogo, como finalidade de todo processo é o epílogos, e em seu conjunto é a suprema divindade. Neste conceito profundo o mito aponta para a sua origem que é a língua que articula a partir do nada. Mas o mito grego aponta com o conceito do logos para a sua própria estrutura que é lógica no sentido moderno dessa palavra, e tem ligações íntimas com a matemática, a música e com os mistérios do orfismo. Falarei desse conjunto de problemas em outro contexto.

Logos, que na mitologia grega, e mais especialmente na mitologia órfica, é identificado com Hermes, portanto com o deus que estabelece correspondência, se torna em Heráclito impessoal quase inefável. Com Filon de Alexandria recebe uma ligação com a mitologia judaica, e é lá identificada com a palavra sagrada de Deus. Creio que nessa identificação é plantado o germe do cristianismo. Para os estoicos, para os neoplatônicos e para os gnósticos é logos o deus pessoal que criou e permeia o mundo. A confluência de Filon e destas tendências logomísticas, a confluência portanto entre o misticismo órfico e judeu, é o conceito de logos como verbo divino que mora eternamente com Deus, como o pensamento eterno que criou o mundo, o permeia e o mantém, e que se encarnou em Jesus, esse logos encarnado. No Cristo histórico tornou-se logos fenomenal e é como logos que Cristo é soter, é salvador no sentido órfico desse termo. A cristologia como soterologia, é, no fundo, uma logologia, se me permitem este pleonasma a um tempo revelador e grotesco. Graças a esse nosso conceito do logos é toda nossa atividade em prol do conhecimento e da salvação uma logia.

Volto agora para o conceito do pneuma. Deve ter-se tornado claro, se esta discussão foi conduzida de maneira mais ou menos lógica, que pneuma e logos são conceitos interligados, tanto quanto o são os conceitos de língua e palavra, de fala e verbo. Logos é pneuma, se logos for visto a partir do mundo fenomenal, pneuma é logos, se pneuma for visto a partir do mundo das ideias. Como seres fenomenais recebemos o logos em forma de pneuma, isto é recebemos a razão que dá significado à nossa vida em forma de espírito vivo. Como seres ideais, como seres pensantes, recebemos o espírito vital em forma da lógica, portanto em forma de logos. Logos é o aspecto formal de pneuma, pneuma é o aspecto existencial de logos. Assim o conjunto dos dois conceitos pneuma e logos é a um tempo profundamente racional, e profundamente místico, o que igualmente caracteriza a civilização do Ocidente. O racionalismo puro, como por exemplo Pascal e Descartes, tendem sempre para o misticismo, e os grandes místicos ocidentais, como S. Tomás ou Wittgenstein, são radicalmente racionalistas. Não há conosco, como na Índia e na China, um divórcio entre razão e mística, há, pelo contrário, o divórcio entre razão e mística de um lado, e empirismo e pragmatismo do outro. Desse divórcio, e de sua aparente superação pela ciência, falarei em outro contexto.

Como os senhores sabem, pneuma e logos são duas pessoas da trindade, a saber: espírito santo e filho. São os dois aspectos gregos do Deus judeu. É graças ao caráter simultaneamente racional e místico de pneuma e logos que o con-

VILÉM FLUSSER

ceito de Deus, (se é que se pode falar em conceito de Deus), se tornou tao especulativo e tao existencialmente próximo no Cristianismo, se o formos a comparar com o Deus do judaismo. Deus como primeira pessoa continua indiscutível no cristianismo, como o é no judaismo. Mas Deus como verbo, Deus como espírito, Deus portanto dentro de nós e para nós, é uma experiencia vivencial imediata e racionalmente discursível. É com a fusão de logos e pneuma com Deus que nasce a teologia sensu stricto, e a própria palavra "teologia" o prova. E a filosofia empenhada, a filosofia como serva da religião, se torna possível somente a partir dessa fusão, que podemos chamar, sem exagero, de berço do Ocidente. Se me permitem um jogo de palavras, um jogo de logoi, direi que no fundo todo Ocidente é, neste sentido do termo, uma teologia. Como já disse na última aula, reservarei aos gregos mais uma aula, quebrando assim o programa deste curso. Peço portanto aos senhores de limitar-se na discussão, aos termos introduzidos na última sexta-feira, e aos termos elaborados um pouco mais cuidadosamente hoje. A discussão geral sobre os gregos será possível somente na semana vindoura.